



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

18 de junho de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 118



**INSTABILIDADE ECONÔMICA IMPÕE
DESAFIO AINDA MAIOR NO GOLFO DA GUINÉ**

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

1º TENENTE (RM2-T) JANSEN COLI CALIL N. A. DE OLIVEIRA (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PEQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UFRJ)

AMÉRICA DO SUL

ADRIANA ESCOSTEGUY MEDRONHO (EHESS)
BEATRIZ MENDES GARCIA FERREIRA (UFRJ)
CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ (UFRJ)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
ANA CLÁUDIA FERREIRA DA SILVA (UFRJ)
CAROLINA CÔRTEZ GÓIS (PUC-Rio)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
LAILA NEVES LORENZON (UFRJ)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
GLAYCE KEROLIN RODRIGUES MAXIMIANO (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÍS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)
SHAKILA DE SOUSA AHMAD (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

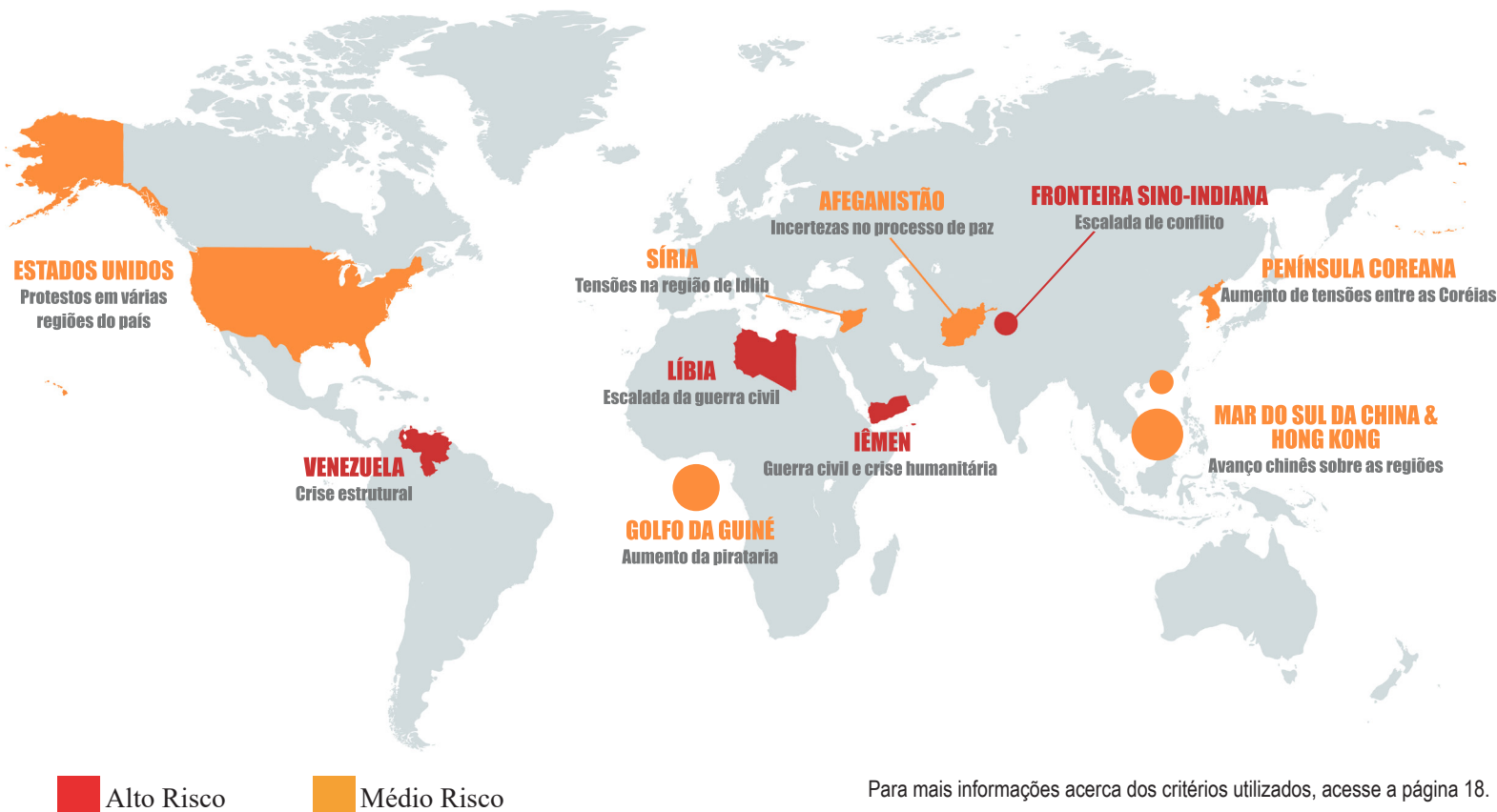
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		
Mar do Caribe: palco de tensões entre Venezuela e EUA	5	Escalada militar no Mar Negro
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		LESTE ASIÁTICO
A militarização da segurança pública mexicana	5	Hyundai Heavy Industries liderando a construção de navios de guerra
Lançamento exitoso da NASA e SpaceX em nova era de missões espaciais	6	Chips de alta tecnologia e moeda virtual: o novo cenário na guerra tecnológica entre China e Estados Unidos
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUL DA ÁSIA
CPLP em expansão e inserção indiana	7	Maldivas: o mais recente campo de disputa sino-indiana no Oceano Índico
Instabilidade econômica impõe desafio ainda maior no Golfo da Guiné	8	SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA
EUROPA		O avanço da Marinha filipina no Mar do Sul da China
Os desafios da OTAN: entre a efetiva dissuasão e o seu fim	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Terceira expedição conjunta entre a Sociedade Geográfica Russa e a Esquadra do Norte no Ártico
Grécia e Turquia em iminência de confronto bélico no Mediterrâneo	9	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa
A Crise do Golfo completa três anos com novas iniciativas de diálogo	10	Calendário Geocorrente
RÚSSIA & Ex-URSS		Referências
China, Estados Unidos e Rússia: o novo START e o regime de não-proliferação	10	Mapa de Riscos

10 PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Situation report – 149", da OMS, publicado no dia 17 de junho de 2020.



ACOMPANHAMENTO DOS PAÍSES						
#	País	Nº de casos registrados	Novos casos (últimas 24h)	Nº de óbitos registrados	Nº casos/100 mil habitantes	Nº mortes/100 mil habitantes
1º	ESTADOS UNIDOS	2.098.106	18.514	115.980	641,30	35,45
2º	BRASIL	888.271	20.647	43.959	424,06	20,99
3º	RÚSSIA	553.301	7.843	7.478	382,91	5,18
4º	ÍNDIA	354.065	10.974	11.903	26,18	0,88
5º	REINO UNIDO	298.140	1.279	41.969	448,41	63,12
6º	ESPANHA	244.328	219	27.136	522,93	58,08
7º	ITÁLIA	237.500	210	34.405	393,01	56,93
8º	PERU	232.992	3.256	6.860	728,35	21,44
9º	IRÃ	192.439	2.563	9.065	235,26	11,08
10º	ALEMANHA	187.184	345	8.830	225,72	10,65
21º	ÁFRICA DO SUL	76.334	2.801	1.625	132,11	2,81
69º	AUSTRÁLIA	7.347	12	102	29,40	0,41

Fontes: Organização Mundial da Saúde; Banco Mundial

Mar do Caribe: palco de tensões entre Venezuela e EUA

Gabriela Nogueira

Em 02 de junho de 2020, quatro companhias de transporte marítimo foram sancionadas pelo Departamento de Tesouro dos Estados Unidos, após um relatório governamental apontar que estas estavam envolvidas no comércio de petrolíferos da Venezuela. Em maio, pelo menos cinco navios que seguiam em direção à costa venezuelana alteraram seus rumos depois das ameaças. O Conselho de Segurança dos EUA afirmou que tanto petroleiros, como companhias marítimas e fornecedores associados poderiam ser sancionados. Segundo a agência *Reuters*, dezenas de embarcações sob análise seriam anunciadas em breve. Conforme relatos da mídia, empresas petrolíferas chinesas estariam ponderando o afretamento de navios que tenham visitado a Venezuela. Já no Brasil, a Petrobras definiu que não contrataria embarcações que tenham operado no país caribenho nos últimos 12 meses.

As medidas do governo Trump são parte do contexto de reforço de laços entre dois de seus maiores adversários, Irã e Venezuela. Em junho, o total de cinco petroleiros iranianos atravessaram o Atlântico atracando nos portos venezuelanos com cerca de 1,5 milhão de barris de

petróleo, com o propósito de aliviar a escassez do produto no país. A grande expectativa era sobre a reação entre os três países no Mar do Caribe. Desde abril, o Pentágono vinha aumentando a sua presença militar na região ([Boletim 112](#)), enquanto a chegada dos navios iranianos contava com a escolta das Forças Armadas venezuelanas assim que adentrassem a Zona Econômica Exclusiva do país. Contudo, nenhuma ação direta foi tomada.

A represália dos EUA pode ser também resultado do incômodo com a presença iraniana no continente americano, região onde os EUA estão inseridos e que tradicionalmente exercem influência. Especula-se sobre a capacidade do Irã de prover petróleo a longo prazo para a Venezuela, mas a possibilidade de estabelecer uma rota frequente produz tensões geopolíticas claras: um canal de ligação entre dois teatros de operações dos EUA, o Golfo Pérsico e o Mar do Caribe, e ainda sendo projetado para recompor o principal adversário no cenário sul-americano. Retaliações devem continuar surgindo no campo do comércio e da diplomacia, mas vão exigir uma postura político-diplomática cuidadosa por parte de todos os atores.



AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

A militarização da segurança pública mexicana

Ana Cláudia Ferreira

O Exército mexicano terá o controle da segurança pública do país até 2024, de acordo com a lei adotada pelo presidente Andrés Manuel López Obrador, que surpreendeu. Isso porque a medida entra em vigor um ano após a criação da Guarda Nacional – conjunto de tropas policiais militares que visa garantir a segurança e o combate ao crime organizado ([Boletim 92](#)), mas que atua, majoritariamente, na fronteira controlando

a imigração ilegal. Ademais, a aprovação da lei se deu em plena pandemia de COVID-19, momento em que o México decretou o colapso de seu sistema de saúde e, atualmente, registra mais de 142 mil casos confirmados. Contudo, fica claro o empenho de López Obrador em definir meios para conter os altos índices de violência e criminalidade do país. »

Essa estratégia se assimila à adotada pelo ex-presidente mexicano, Felipe Calderón, que, há 14 anos, centralizou a segurança pública e o combate ao narcotráfico sobre o domínio do Exército. Desde 2019, López Obrador já aumentou em mais de 15% o orçamento militar e favorece o protagonismo das Forças em diversas missões como, por exemplo, a distribuição de insumos à população. Evidenciando, assim, sua confiança na ação militar em garantir o controle da segurança.

Com essa lei, López Obrador demonstra seu esforço em diminuir a violência mexicana. Sendo uma medida de extrema necessidade, já que, em abril de 2020, foram contabilizados 2.492 homicídios, dos quais 419 foram na cidade de Guanajuato, o epicentro da violência, ocasionados, principalmente, pelo conflito entre os cartéis de drogas. Desta forma, com o aprofundamento da

atuação do Exército, juntamente com a Guarda Nacional, aumenta-se as chances de êxito em frear a criminalidade no México.

O país necessitava de uma ação rígida para conter a violência, porém, essa lei deve ser acompanhada para observar seus desfechos. Há 14 anos, o país registra mais de 200 mil mortes provenientes dos conflitos do narcotráfico, além da insatisfação popular devido às acusações de violações dos direitos civis por parte dos militares. Portanto, López Obrador deve pontuar as falhas das atuações militares, tanto as atuais quanto as do governo Calderón, para haver um aperfeiçoamento e o alcance do objetivo de controlar os níveis de violência e a criminalidade mexicana, sem uma elevada insatisfação popular.

Lançamento exitoso da NASA e SpaceX em nova era de missões espaciais

Victor Gaspar Filho

Pela primeira vez na história, a NASA realizou o lançamento de um voo tripulado em parceria com uma empresa privada. O veículo, lançado em 17 de maio de 2020, no *Kennedy Space Center*, foi desenvolvido e construído pela *SpaceX* e levou astronautas estadunidenses para a Estação Espacial Internacional. A missão *SpaceX Demo-2* coloca em teste os sistemas de transporte de indivíduos, lançamento, manobra em órbita, atracação e pouso desenvolvidos pela empresa. Espera-se que ao final do período probatório, desenvolva-se uma colaboração continuada entre a companhia privada e a agência espacial.

Trata-se do primeiro voo tripulado lançado de solo norte-americano desde 2011 e também o primeiro desde a inauguração da *Space Force*, em 2019. É parte integrante do programa *Commercial Crew* conduzido pela NASA com participação da *SpaceX* e a *Boeing*, tendo como objetivo o desenvolvimento de sistemas de transporte seguros e economicamente viáveis para a órbita terrestre baixa.

O contexto em que isso ocorre sucede a publicação da *Executive Order on Encouraging International Support for the Recovery and Use of Space Resources*, decreto presidencial que, dentre outras provisões, garante a propriedade sobre recursos extraídos de solo lunar à empresa mineradora. O decreto prevê a elaboração de um acordo internacional de forma a estimular a cooperação nesse setor, com Estados como: Canadá, Japão, países europeus e Emirados Árabes Unidos. A Rússia, apesar de ser colaboradora habitual dos Estados Unidos no setor espacial desde o final da Guerra Fria, se opõe à proposta.

Assim, estão sendo elaborados os chamados Acordos *Artemis*, documentos norteadores da colaboração entre Estados tradicionalmente parceiros dos Estados Unidos no âmbito espacial. Os Acordos são homônimos do

Programa *Artemis*, iniciativa na qual a NASA pretende enviar astronautas norte-americanos para a Lua em 2024, com fins à exploração do terreno lunar, onde planejam exercer presença continuada. Serão negociados nas próximas semanas os termos dos acordos, que envolvem a criação de zonas seguras no terreno lunar, de forma a garantir que as missões possuirão caráter pacífico e científico. Os Estados envolvidos deverão se comprometer com a transparência dos dados obtidos, além de estarem em conformidade com instrumentos legais prévios, como o Tratado do Espaço Sideral (1967) e princípios das Nações Unidas acerca de detritos no espaço exterior.



Fonte: Forbes

CPLP em expansão e inserção indiana

Bruno Gonçalves e Marina Corrêa

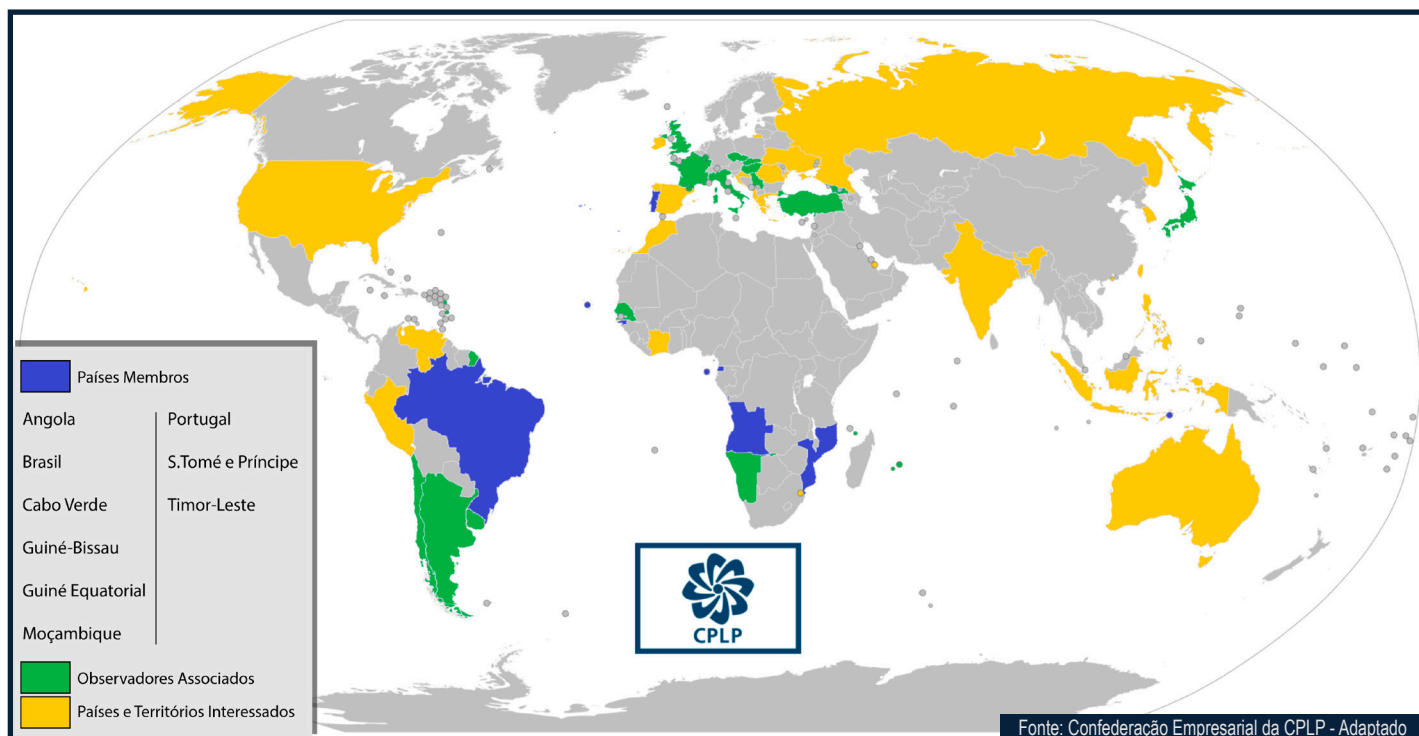
Em maio de 2020, a Índia formalizou seu pedido para tornar-se observador associado da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), interesse que já era explícito desde dezembro de 2019, com pronunciamento do primeiro-ministro Narendra Modi. A CPLP possui nove membros em quatro continentes: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Os Estados africanos da organização estão distribuídos pela costa, Moçambique na oriental, Oceano Índico; e Angola e os demais, na parte ocidental, Oceano Atlântico. Além destas características geográficas que lhe atribuem posição estratégica, outras também os fazem relevantes. Estes são vastos em recursos minerais, alumínio e petróleo majoritariamente, e Angola – segunda maior produtora de petróleo do continente – e Guiné Equatorial são membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP). Ademais, os integrantes africanos da CPLP somam uma população superior a 60 milhões de pessoas, o que representa um grande mercado consumidor, levando-se em consideração o aumento de renda per capita global.

Ressalta-se que a Índia já se faz presente na África, sendo Moçambique um de seus maiores parceiros. Em

2018, a Índia ocupou o primeiro lugar das exportações moçambicanas, totalizando US\$ 1,76 bilhão, um aumento de 12% (2013-2018). Ademais, no mesmo ano, o país asiático declarou a abertura de dezoito missões indianas na África, quatro localizadas em Estados-membros da Comunidade, para implementar compromissos da Cúpula do Fórum Índia-África, aumentando o alcance diplomático e envolvimento com a diáspora indiana no continente. Em 2019, a Índia assinou um Memorando de Entendimento (MoU) com os Emirados Árabes Unidos, com os quais possuem intensas relações econômicas e energéticas, para a cooperação de desenvolvimento na África.

Atualmente, França, Japão, Reino Unido, Turquia, outros catorze países e a Organização de Estados Ibero-americanos detêm *status* de observadores associados da CPLP e gozam de participação na Conferência de Chefes de Estado e de Governo, e no Conselho de Ministros, no entanto sem prerrogativa de voto. A análise do pedido está prevista para julho de 2021, junto com a dos Estados Unidos ([Boletim 108](#)) e a da Rússia. A África está cada vez mais se tornando o palco dos interesses das potências internacionais. Assim sendo, a CPLP tem se ampliado e tornado um importante fórum naquele continente, o que poderá expandir os interesses e a influência brasileira.



Instabilidade econômica impõe desafio ainda maior no Golfo da Guiné

Isadora Jacques

No dia 26 de maio de 2020, nove marinheiros regressaram à Geórgia após terem sido feitos reféns durante 21 dias. O sequestro ocorreu em um navio de bandeira panamenha, no dia 30 de abril, na costa nigeriana e outro membro da tripulação, que não teve sua nacionalidade especificada, também foi feito refém junto aos nove georgianos. O escoamento da produção de petróleo da costa ocidental africana através de grandes embarcações pelo Golfo da Guiné tem sofrido intercepções sistemáticas por criminosos.

O trecho é a principal rota comercial que interliga os Estados africanos que se destacam no setor energético, como Angola e Nigéria, ao continente europeu, China e Índia. Observa-se que, em vez de somente se aterem ao roubo da carga, os criminosos têm optado pelo sequestro da tripulação, a fim de solicitar o resgate. O índice destes casos no ano de 2019 cresceu mais que o dobro da média dos quatro registros de anos anteriores. A Central 24h de Notificação de Pirataria da *ICC International Maritime Bureau* registrou 21 ataques na costa oeste do continente apenas no primeiro trimestre de 2020, e é provável que os números se mantenham críticos.

Observando o agravamento da situação econômica dos países da África Subsaariana em decorrência da crise de COVID-19, um estudo publicado pela União Africana revela que 20 milhões de empregos estão em risco e calcula-se a queda de cerca de 15% do investimento estrangeiro direto na região. Em relação ao enfrentamento aos ilícitos, destaca-se que os significativos esforços e respostas ativas da Marinha nigeriana para conter a pirataria e roubo armado foram reconhecidos pela Organização Marítima Internacional. A Nigéria é o primeiro país da África Ocidental e Central a ter uma legislação antipirataria distinta para ampliar a segurança na região. A redução dos meios de subsistência no continente, agravada pela vigente crise econômica causada pela paralisação comercial deve provocar um vertiginoso aumento nos registros de crimes na região do Golfo da Guiné. Assim, institui-se um desafio à comunidade internacional: multiplicar o dinamismo nigeriano no combate à pirataria para, gradualmente, ampliar e reforçar a segurança marítima na região do Golfo da Guiné. Entretanto, a iniciativa necessita ter o envolvimento dos diversos atores regionais.

EUROPA

Os desafios da OTAN: entre a efetiva dissuasão e o seu fim

Ariane Francisco

No início de junho de 2020, um oficial das Forças Armadas americanas revelou que o presidente Donald Trump ordenou, em reunião no Pentágono, a retirada de 9.500 militares americanos da Alemanha, sendo esses realocados de volta aos Estados Unidos, à Polônia e a outras nações. Sem uma declaração oficial, a ministra da Defesa da Alemanha evita especulações, porém diversos analistas e políticos têm levantado pontos sobre as possíveis consequências da ação, incluindo a diminuição da capacidade de defesa americana em relação à Rússia, África e Ásia, além de maior deterioração das relações entre os países dentro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Boletins [89](#) e [100](#)).

Dentre as análises, questionamentos sobre a localização e o futuro das armas nucleares dos EUA na Europa reacendem discussões sobre dissuasão e relações nuclear-militares na região. Além dos três países da OTAN que possuem armamentos nucleares (EUA, França e Reino Unido), vale lembrar que, em 2019, um documento originalmente disponibilizado para o Comitê de Defesa e Segurança da Assembleia Geral da OTAN,

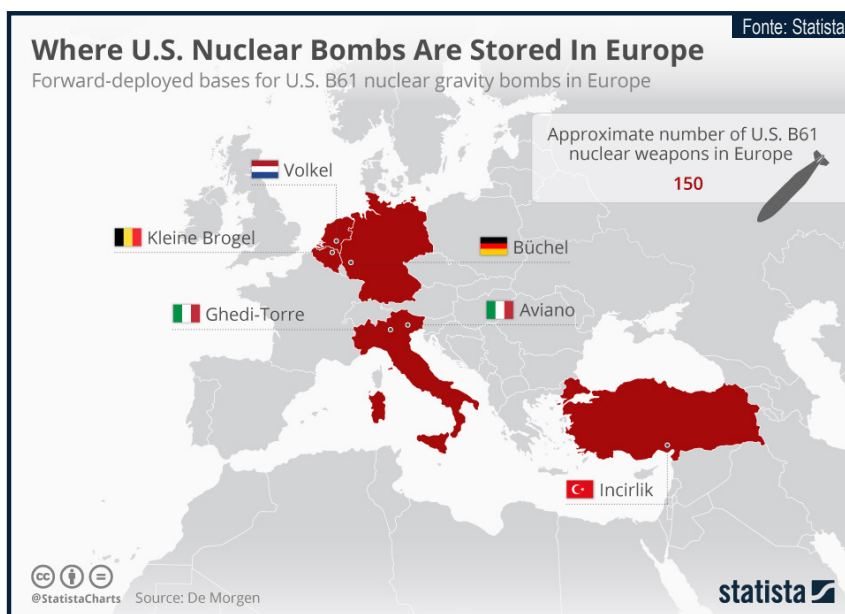
subsequentemente deletado, mas publicado por um jornal belga, divulgou a localização de bombas nucleares B61 americanas em seis bases europeias, dentre elas *Buchel*, na Alemanha.

Apesar de, em um primeiro momento, o plano manter uma quantidade significativa de tropas na Alemanha - 25.000 militares após a retirada -, no que se refere à ordem de Trump, alguns políticos alemães esperam que as bombas também sejam retiradas do território. A decisão, porém, poderia enfraquecer o próprio acordo de compartilhamento nuclear como um dos pilares da estratégia da OTAN, posicionamento compartilhado pelo Secretário Geral da organização, Jens Stoltenberg, já em artigo publicado em maio de 2020, no qual reafirma a importância da Alemanha no apoio e comprometimento com tal acordo.

Considerando que a Alemanha abriga o maior contingente de tropas norte-americanas no exterior, além de localização central no continente, o país é ator de significativa importância do tabuleiro de poder estadunidense no contexto das relações político- >>

militares. Se levada a cabo, a presente ordem poderia, assim, impactar na própria sobrevivência da OTAN, uma vez que a deterioração no relacionamento entre os dois países pode tornar as discussões dentro da organização

insustentáveis, levando a seu fim definitivo, como o presidente francês, Emmanuel Macron, já teria afirmado em 2019.



ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Grécia e Turquia em iminência de confronto bélico no Mediterrâneo

Dominique Marques

No início de junho, o ministro de Defesa grego, Nikos Panagiotopoulos, anunciou que a Grécia estava pronta para um confronto bélico com a Turquia, caso se esgotassem as tentativas de resolução diplomáticas sobre os conflitos recentes com o país. A Turquia vem adotando medidas assertivas para a exploração de gás na região, após ter sido ignorada por países vizinhos, como Grécia, Chipre e Israel, que firmaram um acordo, no início de janeiro de 2020, para a construção do gasoduto marítimo *EastMed*, que levará gás até a Itália, diversificando as fontes deste combustível na Europa. A previsão de conclusão do gasoduto é 2025.

A Turquia não é signatária da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), de 1982, e protesta por novas delimitações na região, pelas quais seus interesses sejam atendidos. A apenas 283 milhas do Chipre, o país luta pelo direito de explorar gás no entorno da ilha, considerando que a República Turca do Chipre do Norte, de maioria turca e apenas reconhecida por Ancara, já teria lhe concedido este direito.

O outro fator de elevada tensão entre gregos e turcos, ambos membros da OTAN, é o acordo firmado no final de 2019, entre Ancara e Trípoli, sobre novas fronteiras marítimas entre os dois países, sem levar em consideração as águas jurisdicionais gregas. A Turquia vem apoiando militarmente o governo oficial da Líbia, em sua guerra contra o grupo apoiado, principalmente,

por Egito e Rússia.

Assim, por diversas formas, o presidente Erdogan luta pelos direitos turcos de exploração de gás no Mediterrâneo, querendo assumir, inclusive, o papel de maior potência regional, com uma forte indústria de defesa nacional e planos para construção de sua primeira usina nuclear. Se os acordos do pós-guerra favoreceram as potências vencedoras, é possível que Erdogan se utilize de uma nova investida bélica, se necessário, para retomar aquilo que entende que é seu direito de disputa. Esta disputa poderá representar a maior crise, com potencial de conflito, na região.



A Crise do Golfo completa três anos com novas iniciativas de diálogo

Isadora Novaes Bohrer

No dia 05 de junho, o ministro das Relações Exteriores do Catar, sheikh Mohammed bin Abdulrahman al-Thani, declarou que o Kuwait retomou a iniciativa de mediar as negociações entre Arábia Saudita e Catar para amenizar as tensões no Golfo Pérsico, em voga desde 2017, quando os sauditas lideraram um movimento de isolamento do Catar que envolveu o Bahrein, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Egito, no qual romperam as relações diplomáticas e decidiram impor um embargo terrestre, marítimo e aéreo ao Catar.

Os quatro atores alegaram que o país estaria apoiando grupos terroristas, além de manter relações com o Irã (o qual divide a área de exploração de gás natural com Catar e é opositor à Arábia Saudita). Na época, o ministro al-Thani afirmou que não havia justificativa legítima para o embargo, e que as ações feriam a soberania do Catar.

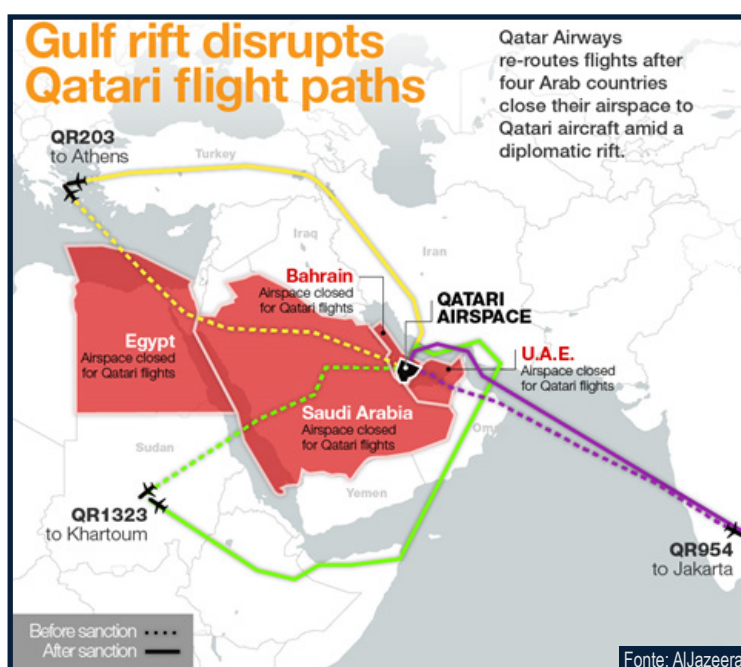
Em 2019, a Arábia Saudita e Catar começaram a buscar uma conciliação intermediada pelo Kuwait e pelos Estados Unidos (EUA), o qual inicialmente afirmou sua aliança junto aos sauditas e criticaram o governo catari. Contudo, ainda que o sheikh al-Thani afirme que o diálogo progrediu, não houve divulgação de uma resolução oficial.

Tal arranjo de isolamento transformou a logística do Catar: o abastecimento de diversos alimentos, antes importados da Arábia Saudita ou trazidos pelo Estreito de Ormuz cessou. Para suprir suas demandas internas, o país precisou expandir e mudar suas rotas aéreas, que levaram a outro embate: impossibilitados de voar pelo espaço aéreo da Arábia Saudita e EAU, a saída foi contornar pelo Irã, pagando a este uma “taxa de sobrevoo” e isolando ainda mais o Catar de seus vizinhos.

No entanto, esse movimento pode trazer a solução.

Como o Irã e os EUA são rivais internacionais, deixar o Catar dependente do regime iraniano é prejudicial à Washington. Por isso, os EUA passaram a pressionar seus aliados (Arábia Saudita e EAU) para suspenderem o bloqueio aéreo ao Catar, possibilitando uma nova chance para o diálogo.

Vale salientar que essa região é palco do trânsito de cerca de 20% de todo o petróleo bruto escoado por via marítima para o mercado mundial (as embarcações entram e saem dele pelo Estreito de Ormuz, que liga o Golfo ao Oceano Índico). Logo, uma possível aliança fortificada entre o Catar e o Irã poderia gerar, futuramente, tentativas de embargos marítimos em uma das principais rotas marítimas comerciais.



RÚSSIA & Ex-URSS

China, Estados Unidos e Rússia: o novo START e o regime de não-proliferação

Pedro Martins

No dia 21 de maio, o presidente americano Donald Trump anunciou que iria sair do Tratado *Open Skies*. Este foi assinado em 1992 como um protocolo com relação a voos de vigilância aérea entre os territórios dos 35 países signatários. Segundo a Casa Branca, a decisão da retirada desse acordo ocorreu porque o governo russo teria violado os termos acordados ao não permitir sobrevoos em cidades onde se especula haver ogivas nucleares.

Esse não foi o primeiro acordo relacionado à temática militar denunciado pelo governo dos EUA. Em 2019, o

governo americano se retirou do *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty (INF Treaty)*, acordo que limitava o estabelecimento de mísseis de médio e curto alcance pelos Estados Unidos e a então União Soviética. Na época, os EUA argumentavam que o desenvolvimento do míssil *9M729* (na numeração da OTAN, *SSC-8*) estaria violando os termos do tratado. Segundo David Sanger, do *New York Times*, a saída americana do *Open Skies* pode ser lida como uma preparação para a retirada americana do novo START, previsto para expirar em 2021.

Originalmente, os acordos *START* limitavam os >>>

arsenais nucleares da Rússia e dos EUA e determinavam outras medidas, limitando-se ao número de ogivas e veículos capazes de carregá-las. Após a ameaça russa de se retirar do novo *START*, caso os EUA não demonstrassem interesse na renegociação dos termos desse tratado, Moscou e Washington começaram o processo de negociação para o novo *START*, mas convidando a China a participar, apesar de esta não ter o mesmo arsenal nuclear. No entanto, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês, Geng Shuang,

afirmou que “a China não tem intenção de participar” de uma negociação de não-proliferação trilateral.

Com isso, pode-se perceber que o regime de não-proliferação não se limita aos tratados assinados durante a Guerra Fria. Se, naquela época, os tratados envolviam as duas superpotências, a retórica nacionalista de Trump e a ascensão da China são fatores de extrema relevância para se analisar o futuro do regime de não-proliferação contemporâneo. O acompanhamento dessas negociações será relevante para a atualização do regime.

Escalada militar no Mar Negro

Em 2020, apesar da pandemia de COVID-19, a Esquadra do Mar Negro russa já realizou uma série de exercícios navais de antiacesso e negação de área (A2/AD, sigla em inglês), incluindo exercícios antissubmarino e simulação de disparos de artilharia contra alvos navais, costeiros e aéreos. A região tem se tornado foco de tensões entre Moscou e OTAN, que critica a crescente presença militar russa desde 2014. Apesar da preocupação com esse cenário, os demais países da OTAN não podem manter navios de grande porte por longos períodos devido à Convenção de Montreux, de 1936, que limita a presença de navios militares acima de 15 mil toneladas por países sem costa para o Mar Negro, além de determinar um prazo máximo de 21 dias de permanência na região.

Diante deste cenário, pela primeira vez desde a Segunda Guerra, a Romênia classificou abertamente a Rússia como uma ameaça em sua Estratégia Nacional de Defesa para o período de 2020 a 2024, enviada ao Parlamento no dia 09 de junho, acusando Moscou de

contribuir para a desestabilização da região, citando seu comportamento agressivo e violações do Direito Internacional. O país abriga o maior porto do Mar Negro, em Constanta, que movimentou cerca de 66 milhões de toneladas em 2019, e é um dos principais portos utilizados pela OTAN. A região é estratégica não apenas pelo potencial econômico do turismo com navios de cruzeiro ou do tráfego mercante, como também para a segurança energética europeia, pois é trânsito para a recepção do petróleo que vem da Ásia Central e do Cáucaso.

No entanto, da perspectiva russa, o que deu início à desestabilização na região não foi a anexação da Crimeia, mas a inserção de sete países do Pacto de Varsóvia na OTAN, em 2004, dentre eles Romênia e Bulgária, ambos com litoral para o Mar Negro. Ademais, o controle sobre a região é crucial para a Rússia continuar presente numa região que considera como sua esfera de influência, além de funcionar como uma “zona tampão” cuja perda fragilizaria o núcleo do país.

José Gabriel Melo



Hyundai Heavy Industries liderando a construção de navios de guerra

Marcelle Torres

A sul-coreana *Hyundai Heavy Industries* (HHI) - uma das líderes mundiais em construção naval - ampliará sua presença no mercado de navios de guerra, com base em tecnologias avançadas e sua experiência no setor. A título de exemplo, há o recém construído navio-tanque *AOTEAROA* de 26 mil toneladas da Marinha da Nova Zelândia, como parte do projeto neozelandês *Maritime Sustainment Capability*. A nova embarcação de apoio visa agregar valor às operações de combate, à ajuda humanitária e ao apoio operacional e de treinamento, com recursos para o apoio logístico da Marinha da Nova Zelândia na Antártica.

Além disso, a HHI está na fase inicial do processo de projeto para a construção do navio de assalto anfíbio da próxima geração da Marinha da Coreia do Sul: o *Landing Platform Experimental* (LPX) - II, que visa a construção de um novo e versátil navio de desembarque de grande porte, com capacidade de emprego de aeronaves de decolagem vertical. Ainda, cabe ressaltar que a líder sul-coreana já construiu cerca de 80 navios de guerra, incluindo os contratorpedeiros KDX-III da classe *Sejong*

o Grande, da Marinha da Coreia do Sul. Com 8.500 toneladas de deslocamento padrão, os contratorpedeiros são os maiores da Marinha e visam aprimorar as capacidades da força naval do país.

Com o objetivo de integrar as comunicações móveis 5G na construção naval, o grupo HHI e a sul-coreana *KT Corp.* visam transformar a unidade de fabricação naval da HHI em Ulsan – o maior estaleiro do mundo – em um estaleiro inteligente com a tecnologia 5G. Outra medida é melhorar a construção de uma rede piloto de comunicações marítimas que garanta comunicações estáveis no mar sem interrupções. Com o advento da 4ª Revolução Industrial e o anseio do governo sul-coreano pela liderança em setores de tecnologia avançada nos próximos anos, a indústria de construção naval do país também busca inovar e se renovar no setor. Com uma participação chave na cadeia de valor da indústria marítima global, a HHI ainda pode ser fundamental para outro plano da Coreia do Sul: o desejo de ser uma Marinha de águas azuis plena até 2045.

Chips de alta tecnologia e moeda virtual: o novo cenário na guerra tecnológica entre China e Estados Unidos

Rodrigo Abreu

No dia 15 de maio de 2020, os Estados Unidos voltaram a atacar a multinacional chinesa *Huawei*, ao privar a empresa de uma de suas principais fornecedoras. Os EUA emitiram um decreto estabelecendo que empresas que utilizam equipamentos norte-americanos não poderiam vender seus produtos para a *Huawei*. Um dos principais alvos deste decreto foi a empresa taiwanesa TSMC, que fabrica chips de alta tecnologia para a *Huawei* e para a *Apple*.

Concomitantemente à emissão do decreto, Pequim anunciou que investiria US\$ 2,2 bilhões em sua maior empresa doméstica deste setor, a SMIC. Entretanto, a SMIC ainda não possui a tecnologia e os equipamentos necessários para produzir os chips utilizados pela *Huawei*. A empresa utilizará, por ora, os chips que vem armazenando há um ano, buscando antecipar restrições desta natureza.

O Partido Comunista Chinês continua desenvolvendo a sua visão de que a inovação tecnológica deve ser o principal foco do país no processo de tornar-se uma potência hegemônica e o grande investimento na SMIC é apenas uma de suas ações nesse sentido. Desde abril, a China vem testando uma rede de utilização para sua moeda

virtual em quatro cidades, se tornando a primeira grande economia a implementar esse projeto. Em um mundo em que, até então, a grande maioria das infraestruturas utilizadas mundialmente para se conectar ao mundo digital é controlada pelos Estados Unidos, a inserção da infraestrutura do “yuan digital” causaria um grande impacto no comércio internacional e na governança global. O “yuan digital” poderia acelerar os esforços de Pequim para a internacionalização de sua moeda, o que poderia derrubar a hegemonia do dólar dentro do sistema financeiro internacional. Isto é, nenhum país seria mais prejudicado pelo desenvolvimento do “yuan digital” do que os Estados Unidos.

Portanto, com o acirramento da guerra tecnológica entre Pequim e Washington, a China busca minar os principais aspectos que garantem a hegemonia dos Estados Unidos, como o controle do acesso à tecnologia de ponta e o papel do dólar no comércio internacional. Investindo na SMIC e em outras empresas, o país reduz significativamente sua dependência de atores externos. Ao mesmo tempo, Pequim sai na frente ao implementar sua moeda virtual, que, a longo prazo, deve ter impacto disruptivo no sistema internacional.

Maldivas: o mais recente campo de disputa sino-indiana no Oceano Índico

Rebeca Leite

Em 22 de maio, durante o encontro da Organização dos Países Islâmicos, o representante das Maldivas defendeu a Índia das acusações de islamofobia, alegando que se trata da maior democracia do mundo e de uma sociedade multicultural, lar de mais de 200 milhões de muçulmanos. Este posicionamento indica que a tentativa de Nova Délhi de estreitar laços com Malé está gerando resultados positivos. A ascensão do presidente Ibrahim Mohamed Solih, em 2018, favoreceu este desdobramento.

Para a Índia, os países da região do Oceano Índico são potenciais parceiros estratégicos, que Nova Délhi considera parte de sua esfera de influência, por isso a diplomacia tem sido uma aliada. Narendra Modi escolheu as Maldivas como destino de sua primeira visita de Estado após a reeleição em 2019. Ademais, os países estão aprofundando a cooperação em segurança marítima e reativando instalações que foram fechadas outrora, como a interligação da cadeia de radares responsáveis pela vigilância costeira, em parceria com a Marinha indiana, com o intuito de aumentar a capacidade de vigilância marítima na região.

Contudo, o revisionismo da China para o Oceano Índico é uma ameaça a este arranjo diplomático.

Abdulla Yameen, antecessor de Solih, foi um apoiador ferrenho dos chineses, o que facilitou os investimentos em infraestrutura no país, incluindo a modernização do aeroporto, com o custo avaliado em US\$ 830 milhões; e uma ponte marítima nas Maldivas, no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, em inglês), com o custo estimado em US\$ 400 milhões.

Nesse sentido, a Índia tenta equilibrar a influência político-econômica de Pequim sobre a Ilha. Nova Délhi forneceu assistência financeira de US\$ 1,4 bilhão às Maldivas, para tentar mitigar o déficit com os chineses, estimado em US\$ 3 bilhões. Os indianos temem que as Maldivas caiam na “armadilha da dívida” chinesa a ponto de fazerem concessões políticas a Pequim e ameacem sua segurança marítima, uma vez que as Maldivas fazem parte da estratégia geopolítica do Colar de Pérolas chinês, um potencial estrangulador marítimo para a Índia. No entanto, cabe mencionar que os indianos devem percorrer ainda um longo caminho até conduzir esta relação bilateral a um patamar mais elevado, à medida que os chineses avancem com seu plano global pautado no comércio e em infraestrutura.



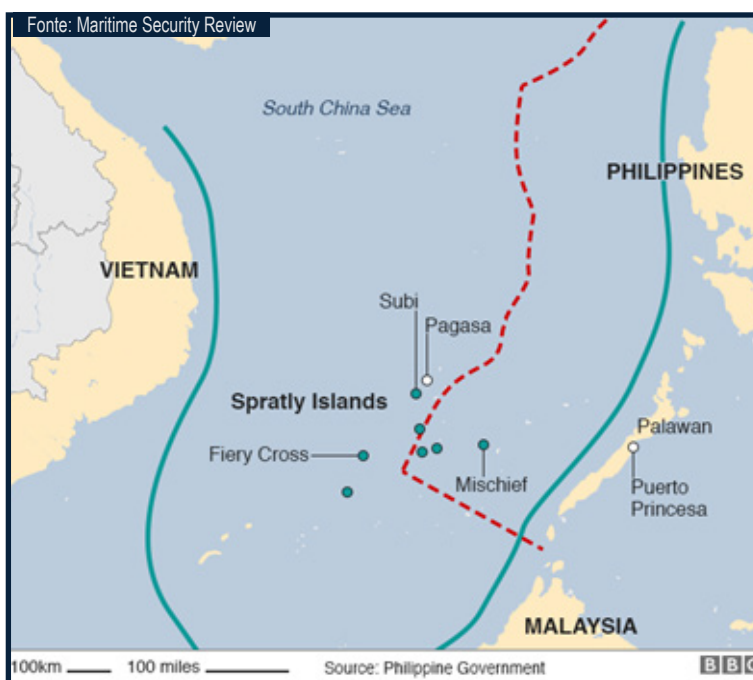
O avanço da Marinha filipina no Mar do Sul da China

Iasmin Gabriele Nascimento

O navio filipino *BRP Ivatan*, embarcação pesada de desembarque da classe *Balikpapan*, atracou no dia 13 de maio do presente ano no porto Pag-asa, nas Ilhas Spratly, que está em fase final de construção. O fato marca a maior ocupação do país nas águas do Mar do Sul da China, em uma clara tentativa filipina de defender seus interesses internos, apesar de manterem uma posição de aproximação com a China. O navio foi o primeiro a atracar em Pag-asa, e foi doado aos filipinos pela Austrália em 2015. O porto facilitará o fornecimento de suprimentos para melhoria das condições de vida na ilha, dando suporte para aumentos populacionais e crescimento econômico, além de aprimorar o reabastecimento e a rotação das tropas em ilhas próximas, reduzindo custos de logística e tempo de resposta da Marinha filipina.

A atracação em Pag-asa ocorreu no contexto de reversão do cancelamento do *Visiting Forces Agreement* (VFA, sigla em inglês) com tropas estadunidenses. Caso o cancelamento do acordo fosse concluído, os EUA não poderiam mais operar no país asiático em base rotacional. O acordo tem duas décadas de vigência e é uma das alianças mais importantes de Washington na Ásia. Entre 2016 e 2019, o financiamento militar estadunidense para o país asiático foi de US\$ 554 milhões e contou com US\$ 267 milhões para aquisição de artigos de defesa. Como resposta oficial sobre a decisão de manter o acordo, o governo afirmou que quer permitir diversificação nas relações internacionais das Filipinas. Na prática, o fim do acordo negaria acesso filipino a exercícios anuais de treinamento, incluindo combate a militantes islâmicos e preparação em caso de desastres naturais e ameaças marítimas.

Após a posse do presidente filipino Rodrigo Duterte, em junho de 2016, teve início uma tentativa de aproximação com Pequim e Moscou, esforço não necessariamente exitoso - parte da população filipina teve reação contrária à medida de estreitamento de laços com a China, causando enfraquecimentos no projeto. O arquipélago está nas primeiras linhas de contenção à China e tem fundamental importância estratégica para os EUA ([Boletim 111](#)). As Filipinas vêm fazendo movimentos para mostrar sua capacidade naval, e colocar interesses nacionais à frente de acordos bilaterais pode ser visto como uma tentativa de reforçar sua posição internacional nas águas do Mar do Sul da China.



ÁRTICO & ANTÁRTICA

Terceira expedição conjunta entre a Sociedade Geográfica Russa e a Esquadra do Norte no Ártico

Raphaella Costa

Entre os meses de agosto e outubro de 2020, está prevista a realização de uma nova expedição conjunta entre a Sociedade Geográfica Russa e a Esquadra do Norte nos arquipélagos do Ártico. O projeto será dedicado a diversas datas comemorativas celebradas este ano, em particular o 75º aniversário da vitória na Segunda Guerra Mundial, o 175º aniversário da fundação da Sociedade Geográfica Russa, um dos grupos científicos mais antigos do mundo, o 110º aniversário da Expedição Hidrográfica

do Oceano Ártico, o 120º da Expedição Polar Russa, bem como o 145º aniversário de nascimento de Vladimir Rusanov, explorador da região.

A rota planejada se estende desde o mar de Severomorsk, à oeste, à Tchukotka, à leste, e buscará objetos históricos subaquáticos, analisando o patrimônio cultural e natural russo em regiões como a ilha de Severny à norte do arquipélago de Nova Zembla, Península de Taimyr, ilhas da Nova Sibéria e Lyakhovsky, ilhas De >>

Long, ilha de Wrangel, península de Tchukotka, os arquipélagos de Severnaia Zemlia e de Francisco José.

Como parte da terceira expedição, serão instalados memoriais em homenagem aos famosos viajantes e defensores do Ártico, como forma de demarcar na ilha de Nablyudenij, a expedição polar russa de Eduard Toll, na ilha de Gerkules, a expedição de Vladimir Rusanov, e na ilha de Herald, a expedição de George Ushakov. A jornada realizada em 2019 ocorreu no arquipélago de Francisco José e, um ano antes, em Nova Zembla. Nestas edições, as rotas desses antigos pioneiros eslavos foram reconstruídas, monumentos históricos e culturais foram restaurados, além de estudos ambientais e biológicos

terem sido realizados. Especificamente em 2019, a jornada descobriu cinco novas ilhas que surgiram após o derretimento do gelo na região.

Esta ação russa chama a atenção dos países do entorno estratégico do Ártico e, sobretudo, da OTAN. É sabido que as disputas pelo desenvolvimento tecnológico que flexibilize a presença de outras nações na região têm se tornado cada vez mais acirradas. Dessa forma, a partir da criação de memoriais a serem instalados entre os Mares de Severomorsk e Tchukotka, o país buscará reforçar seu histórico controle e influência hegemônicos do extremo norte do planeta.



- ▶ [Europe After Coronavirus: The Eu And A New Political Economy](#)
CHATHAM HOUSE, Pepijn Bergsen, Alice Billon-Galland, Hans Kundnani, Vassilis Ntousas e Thomas Raines
- ▶ [The “Postponed” G7 Why It Still Matters](#)
ISPI, Antonio Villafranca
- ▶ [Middle Powers In Great Power Rivalries: The Case Of The Philippines](#)
GEOPOLITICAL MONITOR, Don McLain Gill e Joshua Bernard B. Espeña
- ▶ [Seeing The World Through Points](#)
CIMSEC, Captain H. Clifton Hamilton
- ▶ [Xi Jinping Is China’s Teddy Roosevelt](#)
USNI, James Holmes
- ▶ [U.s. Seeks Armed Nuclear Icebreakers For Arctic Show Of Force](#)
FORBES, David Hambling
- ▶ [The Pandemic And Political Order](#)
FOREIGN AFFAIRS, Francis Fukuyama
- ▶ [The Sino-Indian Conflict: Instability In South Asia](#)
MODERN DIPLOMACY, Abbas Ali Bughio

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

JUNHO

- 18** Reunião da OPEP+
- 19** Videoconferência dos membros do Conselho Europeu
- 19** Fim do Defender-Europe 20
- 22** Reunião trilateral por videoconferência Rússia-Índia-China
- 24** Parada do Dia da Vitória, Moscou
- 27** Eleições presidenciais na Islândia
- 29** Eleições gerais na Polônia
- 29** Restrição à exportação de tecnologia para uso militar dos EUA para Rússia, China e Venezuela

JULHO

- 01** Votação sobre as alterações constitucionais de Putin
- 01** Entrada em vigor do acordo comercial entre EUA-México-Canadá (USMCA)
- 05** Eleições presidenciais na República Dominicana
- 19** Eleições parlamentares na Síria
- 20** Lançamento da Missão Mars 2020 Rover da NASA
- 31** Fim das sanções econômicas impostas pela União Europeia sobre a Rússia

REFERÊNCIAS

- **Mar do Caribe: palco de tensões entre Venezuela e EUA**
SAUL, Jonathan; KRISHNA KUMAR, Devika; SPETALNICK, Matt. [Exclusive: U.S. weighs blacklisting dozens more oil tankers over Venezuela – officials](#). Reuters, 05 jun. 2020. Acesso em: 12 jun. 2020.
[Chegada de petroleiros iranianos à Venezuela desafia bloqueio dos EUA, diz especialista](#). Sputnik, 26 maio 2020. Acesso em: 26 maio 2020.
 - **A militarização da segurança pública mexicana**
NÁJAR, Alberto. [Violencia en México: por qué AMLO pasó del "abrazos, no balazos" a ordenar el despliegue del Ejército en las calles](#). BBC News, 14 maio 2020. Acesso em: 30 maio 2020.
MARCIAL, David P. [México blindo en una ley la entrega de la seguridad pública a los militares](#). El País, 12 maio 2020. Acesso em: 13 maio 2020.
 - **Lançamento exitoso da NASA e SpaceX em nova era de missões espaciais**
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Executive Order on Encouraging International Support for the Recovery and Use of Space Resources](#). Casa Branca, 06 abr. 2020. Acesso em: 14 jun. 2020.
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Astronauts Launch from America in Historic Test Flight of SpaceX Crew Dragon](#). NASA, 30 maio 2020. Acesso em: 10 jun. 2020.
 - **CPLP em expansão e inserção indiana**
[Irlanda e Índia formalizam pedido para serem observadores associados da CPLP](#). E-Global, 11 jun. 2020. Acesso em: 12 jun. 2020.
COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. [Observadores Associados](#). Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Instabilidade econômica impõe desafio ainda maior no Golfo da Guiné**
[Georgian Sailors Freed After Piracy Incident in Gulf of Guinea](#). The Maritime Executive, 26 maio 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
[AU report projects 20 million job losses in Africa due to coronavirus](#). Africa News, 09 abr. 2020. Acesso em: 12 jun. 2020.
 - **Os desafios da OTAN: entre a efetiva dissuasão e o seu fim**
SCHMITZ, Rob. [A Possible Plan to Pull U.S. Troops From Germany Causes a Stir in Both Countries](#). NPR, 12 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
ORGANIZAÇÃO DO TRATADO DO ATLÂNTICO NORTE. [Germany's support for nuclear sharing is vital to protect peace and freedom](#). Discursos e transcrições, 11 maio 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Grécia e Turquia em iminência de um confronto bélico no Mediterrâneo**
IOANNIDIS, Nikolaos. [The Continental Shelf Delimitation Agreement Between Turkey and "TRNC"](#). Eji:Talk!, 26 maio 2014. Acesso em: 11 jun. 2020.
[Greece: 'We are ready for military confrontation with Turkey'](#). Middle East Monitor, 06 jun. 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
 - **A Crise do Golfo completa três anos com novas iniciativas de diálogo**
AL SHERBINI, Ramadan. [Kuwait initiative to end Gulf crisis, Qatar FM says](#). Gulf News, 06 jun. 2020. Acesso em: 07 jun. 2020.
 - **Qatar-Gulf crisis: Your questions answered**. Al Jazeera, 05 jun. 2020. Acesso em: 07 jun. 2020.
 - **China, Estados Unidos e Rússia: o novo START e o regime de não-proliferação**
SANGER, David E. [Trump Will Withdraw From Open Skies Arms Control Treaty](#). New York Times, 21 maio 2020. Acesso em: 28 maio 2020.
RIECHMANN, Deb. [US, Russia to start nuclear arms control talks this month](#). ABC News, 08 jun. 2020. Acesso em: 08 jun. 2020.
 - **Escalada militar no Mar Negro**
OBE, James Sherr. [Security in the Black Sea Region: Realpolitik or a New Unipolarity?](#). International Centre for Defence and Security, 03 jun. 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
BARBERÁ, Marcel Gascón. [Proposed Romanian Defence Strategy Defines Russia as 'Aggressive'](#). Balkan Insight, 09 jun. 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
 - **Hyundai Heavy Industries liderando a construção de navios de guerra**
JUNG, Min-hee. [Hyundai Heavy Industries to Harness 5G Technology to Build a Smart Shipyard](#). Business Korea, 17 dez. 2019. Acesso em: 13 jun. 2020.
YONHAP. [Hyundai Heavy to expand presence in warship Market](#). The Korea Herald, 10 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Chips de alta tecnologia e moeda virtual: o novo cenário na guerra tecnológica entre China e Estados Unidos**
HAO, Karen. [A new \\$12 billion US chip plant sounds like a win for Trump. Not quite](#). MIT Technology Review, 19 maio 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
ALUF, Dale. [China's bear hug for the blockchain](#). Asia Times, 05 jun. 2020. Acesso em: 13 jun. 2020.
 - **Maldivas: o mais recente campo de disputa sino-indiana no Oceano Índico**
MOORTHY, Sathya N. [Maldives: Backing India at OIC, a new high in bilateral ties](#). Observer Foundation Research, 26 maio 2020. Acesso em: 11 jun. 2020.
[Why PM Modi chose Maldives for his first foreign visit](#). Times of India, 08 jun. 2019. Acesso em: 11 jun. 2020.
 - **O avanço da Marinha filipina no Mar do Sul da China**
ROBLES, Raissa. [Philippines reverses decision to scrap US troop agreement, as South China Sea tensions rise](#). South China Morning Post, 02 jun. 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
PITLO III, Lucio Blanco. [Philippines bolsters posture in South China Sea after navy ship docks at new Spratly Islands port](#). South China Morning Post, 27 maio 2020. Acesso em: 07 jun. 2020.
 - **Terceira Expedição Conjunta entre a Sociedade Geográfica Russa e a Esquadra do Norte no Ártico**
FEDERAÇÃO RUSSA. [The RGS and the Northern Fleet Prepare For New Joint Expedition](#). Sociedade Geográfica Russa, 02 jun. 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
[Expedição russa aos arquipélagos do Ártico, prevista para agosto](#). TASS, 01 jun. 2020. Acesso em: 09 jun. 2020.
- CAPA:**
MILITARES NIGERIANOS INTENSIFICAM AS AÇÕES NO GOLFO DA GUINÉ. POR: DARRYL WOOD, U.S. NAVY

O mapa intitulado “10 Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões.

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [Violence surges in Yemen after coronavirus truce expires](#). Reuters, 16 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Libya offensive: Government-backed forces push into city of Sirte](#). Al Jazeera, 12 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Detido em Cabo Verde suposto testa de ferro de Nicolás Maduro](#). El País, 13 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- FRONTEIRA SINO-INDIANA — Escalada de conflito: [Three indian soldiers killed in border clash with Chinese troops](#). South China Morning Post, 16 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [Syria war: Assad under pressure as economic crisis spirals](#). The BBC, 15 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- GOLFODAGUINÉ — Aumento da pirataria: [Pirates in Gulf of Guinea working with foreign collaborators, says NIMASA DG Jamoh](#). The Nation, 10 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- ESTADOS UNIDOS — Protestos em várias regiões do país: [Virginia protesters tear down a statue of Jefferson Davis a day after bringing down Christopher Columbus](#). CNN, 16 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- AFEGANISTÃO — Incertezas no processo de paz: [Trump's warp-speed Afghan exit plan sparks fierce resistance](#). AOP News, 16 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- PENÍNSULA COREANA — Aumento de tensões entre as Coreias: [North Korea blows up Kaesong liaison office near border with South](#). South China Morning Post, 16 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.
- MAR DO SUL DA CHINA & HONG KONG — Avanço chinês sobre as regiões: [Phillipine officials unveil beaching ramp on disputed South China Sea island](#). South China Morning Post, 10 jun. 2020. Acesso em: 16 jun. 2020.